

AS REPRESENTAÇÕES ENTRE O HOMEM E O ANIMAL: A ECOCRÍTICA EM ANTONIO CARLOS VIANA

Fabiana dos Santos (Mestre/Faculdade Maurício de Nassau-Se/UFS)

Este trabalho propõe um leitura sob o viés da ecocrítica do conto *Dia de Parir Cabrito* (p.46), de Antônio Carlos Viana, contista sergipano marcante na Literatura Brasileira contemporânea. Esta narrativa faz parte da antologia *Cine Privê* (Cia. Das Letras, 2009). Para tanto, contamos como referencial teórico os estudos de Garrard (2006), Almeida (2008) e Moreira;Wanderley (2011), entre outros. O objetivo é salientar como o texto de Viana, tanto na forma quanto no discurso, trabalha com a representação das relações do homem com os outros seres que o cercam, mostrando como estas relações são estreitas e cada vez mais se igualam. Tal fato gera, além de um encantamento estético, reflexões socioculturais sobre estas relações e suas consequências.

O conto reflete o ambiente rural desolado e com suas personagens subordinadas a uma situação extrema de sobrevivência. Em *Dia de parir cabrito* (p.46), o contato direto, quase familiar, entre humanos e animais é o destaque. Os animais povoam o espaço do conto e fazem parte da construção do imaginário humano, principalmente o imaginário infantil, funcionando como uma representação dos desejos, angústias e privações. A todo o momento, homens e animais são colocados em situações semelhantes, sem poder de escolha e sendo levados a aceitar, mesmo que de forma inconsciente, o destino que lhes é reservado.

Dia de parir cabrito demonstra uma questão importante nas representações do universo infantil: a própria vida, o próprio nascimento. Todo o conto gira em torno das teorias, as mais variadas e improváveis possíveis, que surgem na infância sobre a forma como nascemos, usando simbolicamente o misterioso nascimento dos cabritos. Somos apresentados a um grupo de irmãos que vivem em um sítio e que são privados de observar o nascimento dos cabritos. Entramos em contato com esta situação através do olhar de um dos meninos, que se mostra protagonista. Somente sentiam os cheiros, ouviam os sons e depois viam os bichos. O que alimentava os impulsos imaginativos.

Cada um tinha o seu cabrito, porém “seu só no nome” (p.46). Pois quando a família passava por problemas financeiros, desfaziam-se de um cabrito, o que entristecia e machucava psicologicamente as crianças, pois todos sabiam o que poderia (e acontecia) com os cabritos. Um misto de necessidade e dor pairava no ar ao chegar este momento, quando a escolha pelo sustento de um tiraria a vida do outro.

Apesar da situação que gera certa repulsa, tudo é relatado de forma bastante poética. Estilisticamente, o protagonista nos leva ‘pelas mãos’ e mostra-nos, pelo seu ângulo, algo que os intrigava, incomodava, mas também atraía. Segundo D’Onofrio (2007, apud Moreira; Wanderley, 2011), “o discurso do autor não é referencial, na medida em que é composto por palavras-signos de realidades, mas criador de realidades, pois ele estabelece um nexó íntimo entre o significante e o significado” (p. 56-57). Ou seja, toda este quadro mostrado pelo personagem construído por Viana é um relato da realidade, fruto da observação e dos efeitos que estes quadros tão característicos da sociedade brasileira gera no ser humano.

Observando que o texto de Viana nos permite uma leitura reflexiva sobre os problemas da existência humana, tanto na linguagem quanto no conteúdo, torna-se relevante destacar como, na obra, constrói-se a relação homem/animal pelo viés da ecocrítica. A escolha do conto se dá exatamente pela relação, humana e psicológica e, com certeza, simbólica, entre o pequeno protagonista e os cabritos do sítio. O personagem se identifica e apega-se, como derradeira esperança, muito mais aos cabritos que com o humanos que o cercam, inclusive sua mãe. Os adultos da narrativa são responsáveis apenas pelo sustento, mesmo que deficiente, e por esconderem partes da realidade que julgavam não ser adequada aos pequenos. Julgamento este pautado por construções sociais e culturais do ambiente em que viviam.

Neste momento, torna-se necessário salientar alguns pontos sobre a ecocrítica, já que pouco ainda se discute sobre este parâmetro crítico no Brasil. A ecocrítica se dedica à representação da natureza nas obras literárias e de como esta convive, harmoniosamente ou não, como os homens. Vale salientar que a ecocrítica coloca o homem como parte do ambiente e não deslocado dele. Viés recente que une ciências e letras, sem abrir mão do poético e do simbólico. Seus conceitos buscam mostrar os pontos de interseção entre os mais variados olhares sobre a obra, unindo diversas disciplinas ao discurso literário ao discurso ecológico. Segundo Glotfelty, Ecocrítica é:

O estudo da relação entre a literatura e o ambiente físico. Assim como a crítica feminista examina a língua e a literatura de um ponto de vista consciente de gêneros, e a crítica marxista traz para sua interpretação dos textos, uma consciência dos modos de produção e das classes econômicas, a ecocrítica adota uma abordagem dos estudos literários centrados na terra. (Glottfelty apud Garrard, 2006, p.14)

Pensando sob esta ótica, analisar um texto literário pelo olhar da ecocrítica baseia-se no estudo de seu meio ambiente representado na literatura, caracterizando o mundo de forma mais humana, isto é, incluindo o homem como parte também do meio ambiente. (ALMEIDA, 2008).

Segundo Moreira;Wanderley (2011,p.59):

A forma “ecocrítica” de ler uma obra consiste em observar como o discurso, bem como a estrutura presente nela, contribui ou não para se pensar a representação de questões ambientais que apontam senão para uma solução, ao menos para que seja reorientada a relação entre o ser humano e os demais seres, bem como entre o ser humano e o meio ambiente.

Sendo a arte literária um veículo de representação e mudança social, as representações do homem como o meio do qual faz parte, nada mais é que um aspecto desta realidade representada.

Ler, observar e/ou analisar de uma forma ecocrítica nos leva a observar o discurso literário no tocante às questões ambientais podendo levar a uma reorganização das relações homem/meio ambiente. Observar-se-á como a obra e sua linguagem constroem as representação homem/animal e como o meio ambiente influencia este indivíduo.

Desta forma, ler-se-á o texto de Viana observando-se a relação entre o home e o animal e buscando visualizar que tipo de relação é construída.

Em *Dia de parir cabrito*, o personagem principal é uma criança, moradora da área rural, no sertão. Neste sítio, depara-se com as mais diversas situações e contato com os animais característicos deste tipo de propriedades. O dia que mais o intriga, a ele e aos demais irmãos, é dia em que as cabritas pariam. A eles é negado, pela mãe e pela avó, assistir aos partos. Diziam não ser coisa para crianças e nem para moças solteiras: “Era um mistério. Dia de parir cabrito, éramos obrigados a ficar dentro de

casa, uma casa escura, sufocante, com cheiro de bosta de galinha e mijo de gato”. (p.46). Simbolicamente, a própria casa já nos remete às condições úmidas e pegajosas do nascimento dos animais, o que coloca o protagonista e seus irmão em um ambiente semelhante, escuro, sufocante e com odores.

Outros animais, além dos cabritos que nasciam, também fazem parte da construção do meio ambiente do protagonista: porcos e galinhas. Estes também fazem parte da cinda do protagonista, porém não tão significativos quanto os cabritos, pois estes são acompanhados desde o nascimento e são dados a cada criança, mesmo que seja ‘de boca’. Estes animais são, mesmo que temporariamente, a única ‘posse’ que as crianças teriam.

Como ficavam trancados enquanto as cabritas pariam, as crianças também parecem estar presas em um ‘útero’ simbólico, a casa fechada. Só saíam quando os cabritos nasciam, desta forma, ambos nasciam para o mundo neste momento e se integravam, como sendo um só, ambos um mesmo ser.

O pior de tudo é era que não nos deixavam abrir as janelas, a porta ficava trancada por fora pra nenhum de nós ter o destempero de sair correndo e ver aquilo que nossa imaginação fabricava como a coisa mais suja do mundo. Só sabíamos que saía sangue porque nossa avó, depois de fazer o parto, se esquecia de cobrir com terra uma parte da sangueira que ficava no chão do cercado. (p.47)

O nascimento dos cabritos acabava suprimindo muitas necessidades de posse das crianças. Afinal, não tinham condições de vida, não tinham pai, tudo lhes faltava. Restava apenas a relação com os animais.

As cabras também supriam a necessidade básica e bem conhecida pelas crianças: a fome. Inicialmente de uma forma harmônica, fornecendo leite que tanto precisavam e, com a venda deste leite, com algum dinheiro que garantia roupas novas para o fim de ano, o que é retratado como um novo nascimento, algo novo, uma ano novo.

As cabras vieram como uma solução para termos o leite de cada dia. Era um leite gostoso que a gente punha sobre o cuscuz e se lambuzava de prazer. Um leite adocicado que nos fazia acordar saboreando o dia por vir. O que sobrava era colocado num vasilhame, e meu irmão ia vender em cima da carroça, única herança que nosso pai deixou. Ia vender no povoado perto da ponte e voltava sempre com uns trocados que já davam pra juntar e comprar as

roupas de fim de ano. O leite era nossa única fonte de vitaminas, por isso crescíamos saudáveis. (p.48)

A relação homem/animal no texto cresce a medida que o protagonista e os irmãos crescem. A cada ano se torna mais harmônica e protetora. Como se ‘nascessem’ juntos, esta relação cresce junta e se torna uma feliz ligação entre as crianças e as cabras.

As janelas se abriam, entrava uma lufada de ar quente e saíamos na maior disparada. Ficávamos felizes quando era uma fêmea. Eram sempre muito lindos, fossem de uma cor só ou malhados. Ali mesmo minha mãe já dizia de quem eram. (...) O pior era que a gente se apegava demais a eles. (p.49)

Porém, esta harmonia entre homem e animal passa por um período amargo: a separação pela morte. Morte esta que não ocorre naturalmente e não tem a concordância, o aval, do protagonista e seus irmãos. É o momento onde se percebe um rompimento e a quebra da harmonia deste meio ambiente. Homem e animal, que a todo tempo se mostravam um só, acabam por se separarem de forma abrupta e traumatizante. “Parecia que quanto mais apego demonstrávamos, mais depressa eram vendidos” (p.49).

O sentido de preservação era mantido pelas crianças. Por eles, todos permaneceriam vivos e no sítio: “Nossa aflição voltava uns seis meses depois que os cabritos nasciam. Quanto mais cresciam, mais chance de irem embora” (p.49).

Quebra-se a harmonia ambiental quando, ainda para o sustento das crianças, que tanto acolhem, cuidam e preservam os animais que compõem seu ambiente e seu imaginário, os animais são vendidos com a certeza da morte iminente. E tal fato choca as crianças rompendo com o *status quo* estabelecido no momento inicial daquele ambiente “Quando estávamos muito apegados a eles, chamavam um marchante, o seu Benício, que vendia carne na feira. Era ele apontar na estrada e já sentíamos o coração fisga. Para nós, era um dia de infelicidade. Os cabritos pulavam inocentes”. (p.49)

A partir desta negociação, no texto, inicia-se uma descrição violenta da morte dos cabritos que destrói os sonhos e parte da infância do protagonista e seus irmãos. Estabelece-se então uma desordem na relação homem/animal, uma das partes deveria ser eliminada para o sustento de outra.

...o homem laçava o cabrito, amarrava-o num pau e ainda perguntava de quem era aquele. 'Vai ser bem aqui', ele dizia, mostrando o lugar onde iria enfiar a faca, com um riso na boca mole. (...) Depois ele se ia pela estrada, arrastando o bicho pela estrada sem nenhuma piedade, as patas traseiras fazendo força no barro seco. (...) O berro ecoava dentro de nós pelo resto do dia. Fazíamos força para não chorar. (p.50)

O conto finaliza com a exposição dolorosa dos animais mortos e os efeitos desta cena no protagonista:

No sábado éramos forçados a ir à feira para ajudar com as sacolas. Doía passar pela banca de seu Benício. Sempre tinha quatro ou cinco cabeças de cabrito em cima do balcão, os olhos ocos, ensanguentados, que nos faziam desviar a vista. (...) Fazia parte do acerto a gente passar por lá e pegar um pedaço da carne (...) Voltávamos pela estrada pingando sangue e gordura. (p.50)

A leitura do conto *Dia de parir cabrito*, na perspectiva da ecocrítica, mostra-nos uma relação íntima entre homem e animal representada pela relação do protagonista e seus irmãos e os cabritos do sítio. A narrativa permite observar o quanto, pela necessidade, a crueldade com os animais é exposta de forma abusiva para as crianças. Os efeitos desta exposição se mostra marcante na vida destes personagens e, com certeza, influenciará em seu crescimento.

Observa-se que analisar a narrativa sob a ótica da ecocrítica revela que, nesta relação em particular, crianças e animais são consideradas seres inferiores e sofrem mutuamente nas mãos de outros seres humanos.

A narrativa de Viana surge de forma metafórica como uma forma de repensar a realidade cruel de muitas crianças que crescem nestes ambientes rurais e convivem com a morte cruel dos animais que constroem seu meio ambiente e fazem parte de sua trajetória. São cenas que constroem os valores e as concepções de nascer e morrer, viver e sobreviver destes indivíduos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria do Socorro P. de. Homem, animal e espaço numa visão ecocrítica, em Graciliano ramos e Miguel Torga. In.: ALMEIDA, Maria do Socorro P. De; AZEVEDO, Sérgio Luiz Malta de. (Orgs) *Espaço Interdisciplinar: Literatura, meio ambiente e relações sociais*. Recife: Baraúna, 2008.

ARAÚJO, Adriana de Fátima Barbosa. *Uma pesquisa sobre “Meu tio o iauaretê” de Guimarães Rosa: passos iniciais*. Disponível em: <portalrevistas.ucb.br> Acesso em 05/04/2014.

BOSI, Alfredo (org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo, Cultrix, 1977.

CANDIDO, Antonio. (org.). **A personagem de ficção**. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2007.

GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Trad. Vera Ribeiro. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2006.

RICOEUR, Paul. *A metáfora viva*. São Paulo, Loyola, 1999.

VIANA, Antonio Carlos. **Cine privé**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.